



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

AS VARIAÇÕES LEXICAIS DA PALAVRA CHARQUE

Airton Santos de Souza Junior¹

INTRODUÇÃO

É sabido que o Brasil é um país de grande diversidade cultural e linguística. Observa-se que cada região possui um dialeto diferenciado, sendo assim, percebe-se que é possível haver várias formas de designar um mesmo objeto e/ou alimento. Portanto, vemos que trata-se de uma pluralidade de variações que estão aptas a sofrerem alterações de fatores extralinguísticos como a divergência entre as regiões, grau de escolaridade, sexo e idade.

Esse artigo aborda as variações linguísticas da lexia *charque*, no contexto da cidade de Rio Branco- Acre. Utilizamos como método, a pesquisa de campo através de questionário no qual elaboramos uma pergunta com a exposição da imagem do termo pesquisado (carne salgada, *charque*). O trabalho foi realizado em dois bairros da cidade: São Francisco (numa praça) e no bairro Distrito Industrial, especificamente no Campus Universitário da Universidade Federal do Acre.

A análise de dados é apresentada através de gráficos, demonstrando as variações da lexia em estudo de acordo com o local da pesquisa, o grau de escolaridade, o sexo e a idade, culminando com o objetivo central deste estudo, o qual consiste na demonstração das variações lexicais da lexia *charque*.

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Os referenciais teóricos que funcionaram como base deste trabalho foram os aportes da Sociolinguística e Dialetoлогия. Destacando, ainda, que se tomaram

¹ Graduando do curso de Licenciatura Plena em Letras Português da Universidade Federal do Acre (UFAC). Email: airton.airtonsantos.santos09@gmail.com



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

como base norteadora os trabalhos de CARDOSO (2009, 2010) e MACÊDO (2012).

1. SOCIOLINGUÍSTICA

De acordo com MARTELLOTA (2012) a Sociolinguística é "uma área que estuda a língua em seu uso real". Para essa disciplina a língua é uma instituição social e, portanto, não pode ser estudada como uma estrutura autônoma, independente do contexto situacional, da cultura e da história das pessoas que a utilizam como meio de comunicação. Mas, sim, no seio da sociedade.

Além de contribuir para a descrição e explicação de fenômenos linguísticos, a sociolinguística também fornece subsídios para a área do ensino de línguas. Os sociolinguistas postulam que os dialetos das classes desfavorecidas não são inferiores, insuficientes ou corrompidos afirmam que esses dialetos são estruturados com base em regras gramaticais, muitas das quais diferentes das regras do dialeto padrão. Dessa forma, a sociolinguística cria nos (futuros) professores uma visão menos preconceituosa e incentiva-os a valorizar todos os dialetos e a mostrar à criança que o dialeto culto é considerado melhor socialmente, mas que estrutural e funcionalmente não é nem melhor nem pior que o dialeto da comunidade do aluno. (MARTELLOTA, 2012, p.152).

Com base na citação acima pode-se constatar que a sociolinguística, além de contribuir para a descrição e explicação de fenômenos linguísticos, fornece, ainda, subsídios para a área do ensino de línguas, demonstrando que o dialeto das classes menos prestigiadas não são inferiores ou corrompidos e, paralelamente a isso, percebe-se que referente à língua não existe um "certo ou errado", mas sim um adequado e inadequado, pois haverá contextos em que o adequado será o emprego da norma padrão, como em uma conferência, entrevista de emprego, seminário acadêmico, dentre outras exemplificações. Porém, haverá situações em que o adequado será a utilização da norma informal, como em uma conversa entre amigos dependendo do grau de intimidade, em um diálogo com a própria família do falante, dentre outras situações.

Dessa forma, a sociolinguística vem quebrando preconceitos referentes à língua, demonstrando às pessoas sobretudo aos profissionais da linguagem e aos futuros professores que concernente à língua, existe uma diversidade linguística e não variações intituladas como "certas ou erradas".

Sendo assim, esses profissionais da linguagem podem demonstrar aos



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

seus discentes que o dialeto culto socialmente pode até ser considerado "melhor", mas que estruturalmente e funcionalmente não é melhor nem pior que as demais variações.

2. DIALETOLOGIA

Segundo Cardoso (2010, p. 15) a dialetologia é um ramo dos estudos linguísticos que tem por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica. Complementando, acrescenta que

Se a dialetologia tem como finalidade geral o estudo das falas, deverá tratar tanto da suas variedades regionais como das sociais, tanto do eixo horizontal como do vertical. (FERREIRA; CARDOSO, 1994, p.17).

Logo, a partir da citação acima, pode-se observar que a dialetologia embora tenha se dedicado amplamente a estudos que privilegiam mais propriamente o falar regional/rural do que ao urbano e social, isso não deve ser compreendido como um critério digamos que definidor, e sim transitório. Portanto, para a dialetologia não interessa somente a variedade rural, mas também a urbana.

Com base nas análises das proposições precedentes e, juntamente pelo fato de a sociolinguística trabalhar com a questão língua/sociedade, pôde-se constatar que a mesma e a dialetologia são áreas de estudo que são compatíveis entre si.

3. VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS

O termo variação linguística pode ser compreendido como um fenômeno, o qual acontece com a língua e pode ser entendido através das variações históricas e regionais por qual esta língua tenha passado.

De acordo com MACÊDO (2012) em uma língua histórica, como a portuguesa, existem tipos fundamentais de diferenças internas a serem diferenciadas as quais são:



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

Diferenças diatópicas, diferenças relacionadas ao espaço geográfico. Como, por exemplo nesta pesquisa nos foi perceptível a presença dessa diferença concernente ao espaço/localidade, tendo em vista que os indivíduos locados no bairro São Francisco mencionaram para o termo pesquisado as seguintes variantes: *charque, jabá e carne prensada*. Por outro lado, os entrevistados locados no bairro Distrito industrial, mencionaram: *charque, jabá, carne seca e carne de sol*.

Diferenças diastráticas, relativas às diferenças sociais, de escolaridade existente entre os indivíduos. Por exemplo: pôde-se constatar na pesquisa que os indivíduos com escolaridade entre o superior incompleto dispuseram de uma maior precisão vocabular mencionando as seguintes variantes: *charque, jabá, carne seca e carne de sol*. Enquanto aqueles com escolaridade entre o médio completo mencionaram as seguintes: *charque, jabá e carne prensada*.

Diferenças diafásicas, relacionadas às diferenças entre os tipos de modalidades expressivas, de estilos distintos, segundo as circunstâncias em que se realizam os atos de fala. Por exemplo: na pesquisa observou-se que ao indagarmos os entrevistados alguns respondiam, *a gente chama assim...* Outros respondiam *nós chamamos assim*.

Diferenças diageracionais, relativas às diferenças de faixas etárias. Por exemplo: na pesquisa constatou-se uma maior riqueza vocabular por parte daqueles indivíduos de maior faixa etária e há diferenças no uso do termo. Os mais velhos denominam de *jabá* enquanto os mais novos de *charque*.

Diferenças diagenéricas, relativas às diferenças de sexo (masculino ou feminino) Por exemplo: Na pesquisa percebeu-se que as mulheres mencionando apenas duas lexias: *charque e jabá*. Por outro lado, os homens demonstraram uma maior precisão, mencionando as seguintes lexias: *charque, jabá, além de carne seca, carne de sol e carne prensada*.

METODOLOGIA

A metodologia usada para a elaboração desta pesquisa foi à confecção de um questionário semântico-lexical composto por uma pergunta: Como você chama este alimento? (foi apresentada a imagem do objeto de pesquisa para que assim os entrevistados não viessem a ser influenciados na resposta). A imagem foi à

seguinte:

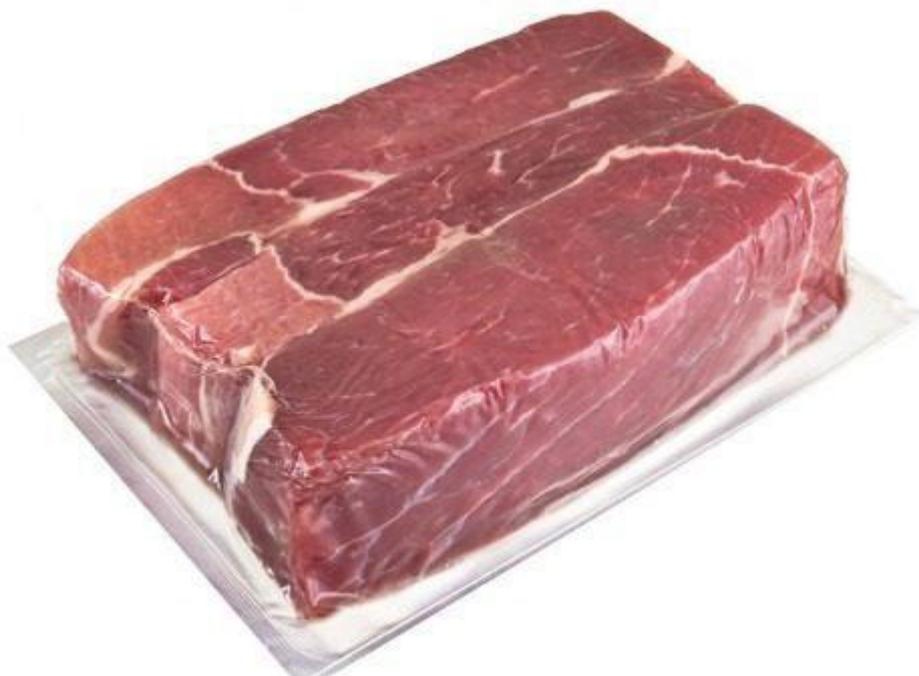


Figura I. Disponível em: produto.mercadolivre.com.br.

Foram entrevistadas quatro pessoas sendo duas do gênero masculino e duas do feminino, com faixa etária entre 20 e 30 anos e grau de escolaridade do ensino médio completo e superior incompleto. E como critério da pesquisa dialetal todos os informantes foram rio-branquenses e filhos de rio-branquenses.

A coleta dos dados da pesquisa foi feita em dois locais da cidade de Rio Branco, tais como: praça do bairro São Francisco e na UFAC. Visitamos tais locais durante a tarde, onde encontramos diversos tipos de pessoas, que nos deram as mais variadas respostas. Utilizamos o questionário junto com a imagem do item a ser pesquisado e no mesmo documento, continham perguntas buscando dados pessoais do informante a fim de verificarmos o gênero, idade e o grau de escolaridade, e ainda, obteve-se a autorização do informante para a coleta e divulgação dos dados.

Sendo assim, através da metodologia usada para a coleta de dados do trabalho de pesquisa de campo, tivemos facilidade em recolher informações dos entrevistados embora alguns se mostrassem um tanto que inquietos no começo, talvez pela “pressa” embutida pelo cotidiano, e obtivemos resultados satisfatórios, encontrando assim, pessoas acessíveis e dispostas a cooperar com o estudo dialetal.

ANÁLISE DOS DADOS

Os resultados obtidos são apresentados em três gráficos (Gráficos I, II e III) que representam as variações linguísticas da palavra *charque* no município de Rio Branco-Acre e, conseqüentemente, a riqueza lexical dessa lexia, e duas Tabelas, (Tabelas I, II) que apresentam as lexias mencionadas conforme as diferenças diagenéricas e diastráticas.

Assim, através deste trabalho tem-se feito possível perceber que não existe um "certo ou errado" concernente à língua, considerando ainda, que ao tratarmos do aspecto de variação linguística estamos nos referindo ao modo de falar do indivíduo que, de acordo com Saussure (1916) "a fala é a parte individual da língua". Sendo assim, torna-se nítido que todos os indivíduos possuem esta liberdade individual para dispor de outras variantes, sem que isso seja visto com desprestígio.

Como já mencionado para o objeto da pesquisa foi elaborada a seguinte pergunta: Como você chama esse alimento apresentado na imagem?

Abaixo temos o Gráfico I que apresenta a distribuição das lexias levantadas para o objeto de pesquisa.

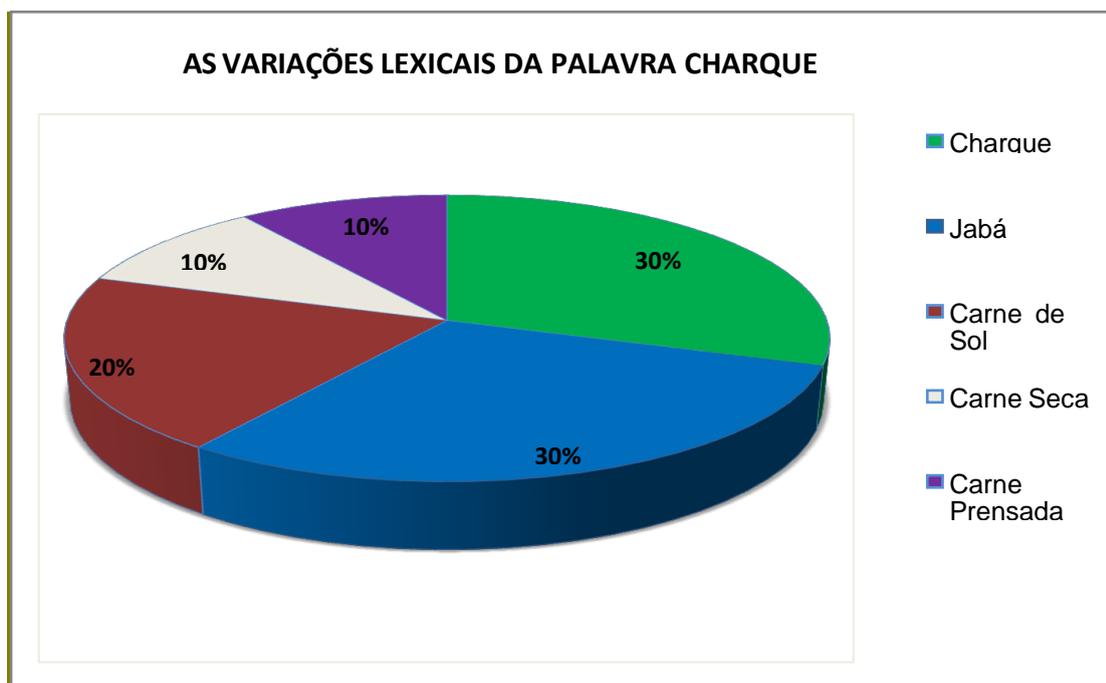


Gráfico 1. Distribuição de frequência das variações da palavra *charque*.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

Fonte: SOUZA Jr, 2014.

Com base nos dados pode-se constatar uma maior predominância dos termos *charque* e *jabá*, que obtiveram um percentual de 30% sucedido por *carne de sol* com 20% e *carne seca* e *carne prensada* em que ambas obtiveram 10%.

Um fato que vale ser ressaltado é que o termo *carne de cavalo* foi encontrado após concluirmos a pesquisa de campo, em uma conversa informal com alguns indivíduos (acadêmicos de Letras na UFAC), ao apresentarmos a eles a imagem de nosso objeto de pesquisa alguns mencionaram *carne de cavalo*, e ao indagarmos o porquê do termo mencionado, as respostas foram as mais variadas, dentre elas, a tese de que quando a fiscalização pública estava fechando alguns açougues clandestinos o comentário que estava na “boca do povo”, era de que a carne comercializada nestes açougues com características semelhantes ao nosso objeto de pesquisa era *carne de cavalo*.

A tabela abaixo tem por objetivo apresentar as lexias que foram faladas por homens e mulheres, expondo essa diferenciação nos falares no que diz respeito ao gênero.

Lexias faladas por homens	Lexias faladas por mulheres
Charque	Charque
Jabá	Jabá
Carne de sol	
Carne seca	
Carne prensada	

Tabela 1. Diferenciação das lexias de acordo com o gênero (feminino e masculino).

Fonte: SOUZA Jr, 2016.

O gráfico II abaixo demonstra a variação de freqüência de gênero, ou diagenérica, apresentando o resultado percentual de lexias que foram mencionadas por homens e mulheres.

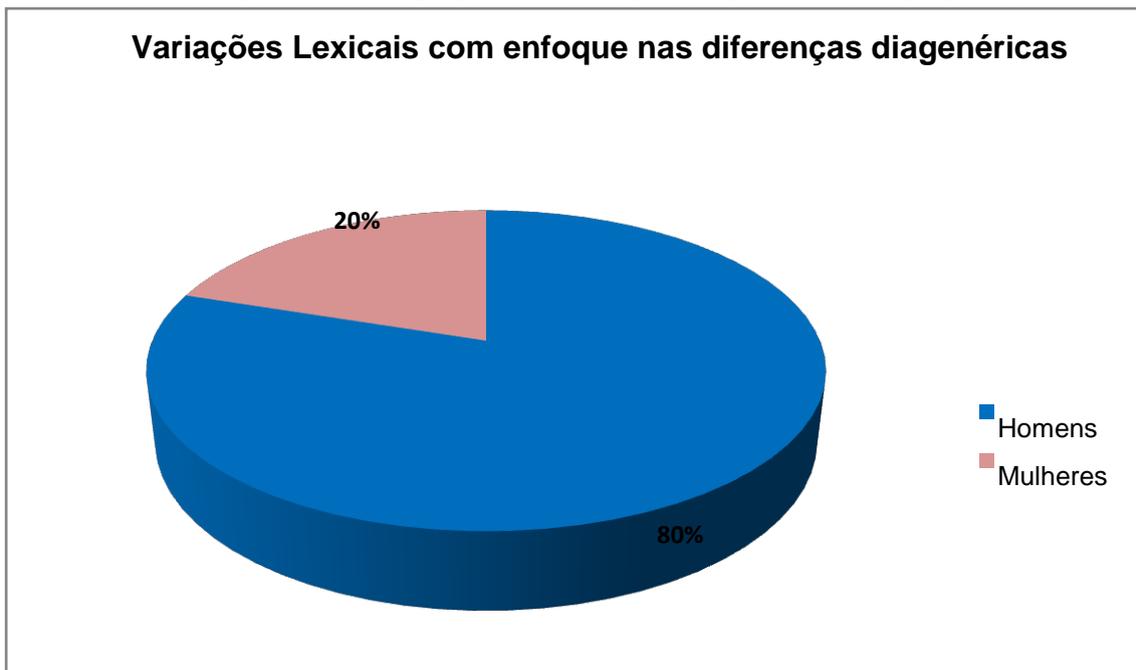


Gráfico 2. Distribuição de frequência das variações de acordo com as diferenças diagenéricas.

Fonte: SOUZA Jr, 2016.

Com relação às diferenças diagenéricas, pôde-se constatar uma maior riqueza lexical por parte dos homens que acertaram um percentual de 80%, em contrapartida às mulheres acertaram 20%.

Referente a estes dados obtidos concernentes as diferenças de gênero, chegou-se a conclusão de que este resultado pode ser advindo do fato de boa parte dos homens não disporem de um grande conhecimento culinário. Daí pela questão de ambas as carnes serem preparadas por meio do sal, os homens não diferenciam já que “tudo é salgado”, no entanto as mulheres por terem essa maior precisão culinária por trabalharem com carne em boa parte de seus afazeres do cotidiano já conseguem distinguir uma coisa da outra.

A tabela abaixo apresenta as lexias que foram mencionadas por informantes com níveis de escolaridade distintos, a saber, o médio completo e o superior incompleto.

Lexias faladas por informantes de nível superior incompleto	Lexias faladas por informantes de nível médio completo
Charque	Charque
Jabá	Jabá
Carne de sol	Carne prensada
Carne seca	

Tabela 2. Diferenciação das lexias de acordo com o grau de escolaridade.

Fonte: SOUZA Jr, 2016.

O gráfico 3 abaixo demonstra a variação de frequência de escolaridade ou diastrática, apresentando o resultado percentual de lexias que foram mencionadas por informantes com grau de escolaridade distintos.

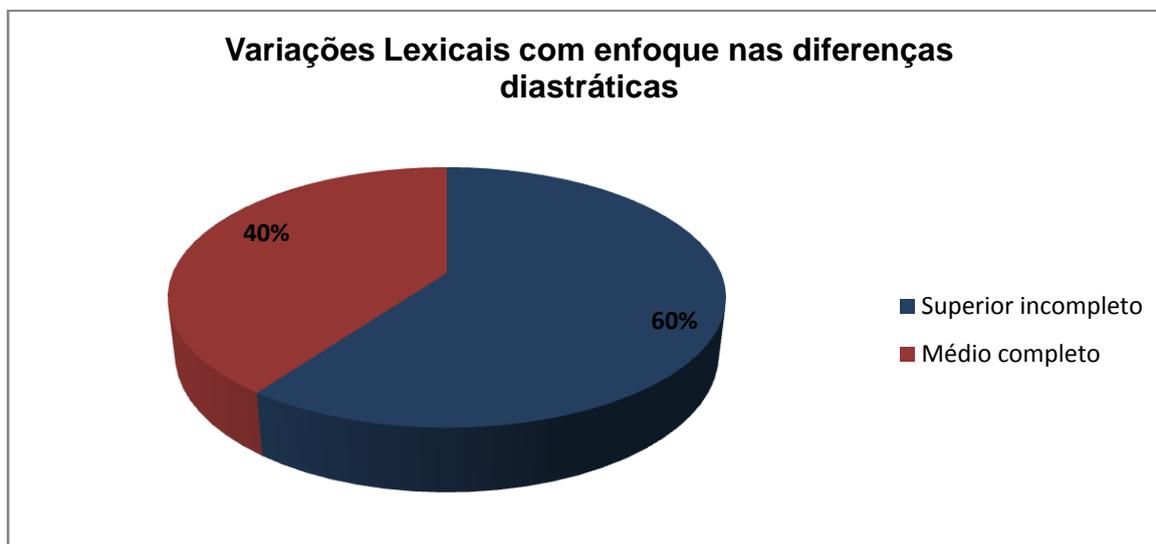


Gráfico 3. Distribuição de frequência das variações de acordo com as diferenças diastráticas.

Fonte: Souza Jr, 2014.

Com relação às diferenças diastráticas percebeu-se uma maior precisão vocabular por parte daqueles indivíduos com maior grau de escolaridade que acertaram um percentual de 60%, em contrapartida aqueles com nível médio completo alcançaram um percentual de 40%.

A fim de conceituar os termos coletados, será utilizado o Dicionário da Língua Portuguesa Houaiss.

SIGNIFICADO DA PALAVRA CHARQUE E SUAS VARIAÇÕES

De acordo com **HOUAISS (2009)**, temos que: **Charque**. S.M Carne bovina cortada em mantas, salgada e seca ao sol ou por processos afins, inclusive com utilização hoje de produtos químicos. Mesmo que jabá. **Jabá**. S.M m.q. **Charque**. De origem controversa. **Carne de sol**. Variação de charque. Carne bovina levemente salgada e seca ao sol ou ao vento. Carne, do latim *carnis* + de + sol, do latim *sōlis*. **Carne seca** S.F. Alimentação feita com bastante sal e ressecada. **Carne prensada**. S.F Carne prensada não está dicionarizada. Mas *carne* está e *prensada* também. Assim, se considerar a lexia prensada teremos:



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

Prensada. Ato ou efeito de prensar, assim ter-se-ia uma carne que é feita prensada. Carne comprimida, algo assim. **Carne de cavalo.** Carne de cavalo não está dicionarizada. Porém, a lexia *carne* está e *cavalo* também. Assim se considerar a palavra cavalo ter-se-ia: Carne equina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final deste estudo, pode-se obter uma percepção mais precisa acerca das diferentes variantes que compõe a mesma palavra (*charque*), e com isso compreendeu-se que essas diferentes formas de se denominar um mesmo termo dependerão de fatores extralinguísticos como o grau de escolaridade dos indivíduos entrevistados, às *Diferenças diagenéricas*, relativas às diferenças de sexo (masculino ou feminino), pois como se percebeu nesta pesquisa, os homens dispuseram de um maior percentual lexical concernente ao termo pesquisado, do que as mulheres.

No tocante à pesquisa pode-se declarar que foi de muito proveito, agregando conhecimentos novos e específicos acerca da língua, e mostrando-nos como já foi ressaltando diversas vezes neste artigo que concernente à língua não existe um "certo ou errado", mas sim que o mesmo termo ou lexia pode sofrer variações que não inviabilizam no entendimento da mensagem entre falantes e ouvintes, e não desprestigia uma forma sobre a outra, mantendo o principal na língua que é a comunicação e a interação entre seus usuários.

REFERÊNCIAS:

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. **Geolinguística: Tradição e Modernidade.** São Paulo: Parábola, 2010.

HOUAISS, Antonio. **Dicionário da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Objetiva 2009.

KENEDY, Eduardo. *Sociolinguística.* In: MARTELOTTA, Mário Eduardo. (Org.).

